

Análise das escalas de silhuetas validadas para a população brasileira feminina

Pedro Henrique Berbert de Carvalho, Leonardo de Sousa Fortes, Valter Paulo Neves Miranda, Ana Carolina Soares Amaral, Maria Elisa Caputo Ferreira

Segundo Schilder (1999), a imagem corporal pode ser entendida como a figuração do nosso corpo em nossa mente. No entanto, o mesmo autor ressalta que a imagem corporal não está atrelada somente aos aspectos mentais, sendo, portanto um constructo multifacetado sendo formado pelos aspectos fisiológicos, libidinais e sociais.

Durante muitos anos, as pesquisas em imagem corporal permaneceram ligadas ao fenômeno dos transtornos alimentares como anorexia e bulimia, o que em grande parte move o foco de estudo para o público feminino (McCabe & Ricciardelli, 2004; Pickett, Lewis, & Cash, 2005), principalmente focado na relação existente entre a insatisfação corporal e os transtornos de imagem.

Podemos conceituar a insatisfação corporal como um incômodo que o indivíduo sente em relação a algum aspecto de sua aparência (Garner & Garfinkel, 1981), sendo que em mulheres, a insatisfação tem sido descrita como um fenômeno presente, onde a busca pela forma ideal está relacionada à perda de peso, ou seja, a busca pelo corpo considerado magro (McCabe & Ricciardelli, 2004).

Segundo Gardner e Boice (2004) a escala de silhuetas é um dos instrumentos mais utilizados na avaliação da satisfação corporal. No entanto, no Brasil, contamos atualmente com um escasso número de questionários e instrumentos para avaliar as dimensões da imagem corporal, o que aumenta a importância de adaptação ou criação de novos instrumentos (Campana & Tavares, 2009). Kakeshita, Silva, Zanatta e Almeida (2009), e Scagliusi *et al.* (2006) acrescentam ao campo de estudos em imagem corporal ao construírem e validarem escalas de silhuetas para a população feminina brasileira.

Segundo Beaton, Bombardier, Guillemin e Ferraz (2002), o processo de adaptação de questionários para um novo país, cultura e/ou língua, é um processo extremamente relevante, a fim de manter a equivalência com o

instrumento original. Os autores ressaltam a importância de averiguar a validade e confiabilidade do instrumento, atestando para o fato do instrumento medir fielmente aquilo que ele se propõe.

Para tanto este estudo teve como objetivo verificar a correlação existente entre os instrumentos avaliativos da satisfação corporal, para o público feminino, utilizando para tanto duas escala de silhuetas diferentes, em uma população de mulheres fisicamente ativas.

Este trabalho está de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, sob o número 1928.272.2009.

Optou-se pela utilização da Escala de Silhuetas para Adultos (ESA) (versão feminina) criada e validada para uso na população brasileira por Kakeshita *et al.* (2009) e pela Escala de Silhuetas de Stunkard (ESS), adaptada e validada por Scagliusi *et al.* (2006) para o uso em mulheres adultas brasileiras. A Escala de Silhuetas para Adultos é formada por 15 figuras que variam de um corpo muito magro para muito gordo. A escala é apresentada a participante que deve escolher primeiramente a figura que melhor representa seu tamanho atual. Logo após a escala é reapresentada e a participante deve escolher a figura que melhor representa aquela que ela gostaria de ser. A satisfação corporal é calculada pela discrepância entre a escala ideal e a escala real. A análise do instrumento demonstrou correlação positiva e significativa para o IMC real e IMC da figura escolhida como atual por adultos ($r=0,84$; $p<0,01$) atestando através da validade concorrente, a validade do instrumento.

A Escala de Silhuetas de Stunkard mantém características muito próximas a ESA quanto à técnica de aplicação e análise do índice de insatisfação, entretanto a mesma é formada por 9 figuras de silhuetas. Durante o processo de validação foram encontrados índices de correlação de Spearman com coeficiente de 0.76 ($p<0,0001$) entre o IMC da figura escolhida como atual e o IMC real, além de demonstrar diferença estatisticamente significativa na satisfação corporal quando comparada uma amostra de população clínica *versus* não clínica, o que atesta para a validade do instrumento.

A amostra do presente estudo foi composta por mulheres adultas praticantes regulares de exercício físico em uma academia de ginástica da cidade de Juiz de Fora - MG.

Foram incluídas nesta amostra mulheres com mais de 18 anos de idade, freqüentadoras de uma academia de ginástica da região central de Juiz de Fora – MG, com freqüência mínima semanal de prática de exercício de três vezes, regularidade na modalidade há pelo menos seis meses ininterruptamente, e aquelas que se disponibilizarem a participar voluntariamente do estudo. Foram excluídas da amostra mulheres que não completaram todos os itens do critério de inclusão.

As praticantes de exercício físico foram abordadas no período de entrada na academia e convidadas a participar da pesquisa. As mulheres que concordaram em participar da pesquisa foram convidadas a retornar em um período agendado para a coleta de dados. No dia de coleta de dados as entrevistadas receberam o termo de consentimento livre e esclarecido, e após assinatura do termo foram encaminhadas para a coleta de massa corporal, estatura, e o preenchimento das escalas de silhuetas.

A característica da amostra foi descrita em valores de média e desvio padrão. Para a correlação entre o IMC real e o IMC que corresponde à silhueta apontada como atual, e para a correlação entre os níveis de satisfação dos instrumentos foi utilizada a correlação de Pearson, com nível de significância de $p < 0,05$. Foram ainda correlacionados os dados de IMC real com o nível de insatisfação corporal obtido nas duas escalas. Todos os dados foram analisados no software Statistica versão 8.0.

Participaram da amostra 29 mulheres, com idade média de 36,03($\pm 15,426$) anos, variando da idade mínima de 18 anos e máxima de 81 anos, e com média de IMC de 23,17($\pm 3,626$). A correlação entre o IMC real e a insatisfação corporal medida através da ESA, e medida através da ESS, foi estatisticamente significativa ($p < 0,05$), com valores de $r = -0,61$ e $r = -0,62$, respectivamente. Estes dados sugerem que mulheres com menores valores de IMC, apresentam maiores escores de satisfação corporal.

A análise de correlação dos escores de insatisfação corporal, realizada através da correlação de Pearson, obtidos através das duas escalas de silhuetas também se mostrou estatisticamente significativa, com índice de $r = 0,84$,

atestando para o fato das duas escalas de silhuetas avaliarem de forma muito similar a insatisfação corporal.

Segundo Gardner e Jappe (2009), para avaliar a validade da escala de silhuetas, têm-se a expectativa de existência de correlação entre o IMC real do indivíduo e o IMC correspondente a figura escolhida como atual, o que atestaria para a validade concorrente do instrumento. Em nosso estudo podemos verificar alta correlação entre estas variáveis, o que demonstra a validade concorrente dos dois instrumentos.

Nossos dados apontam para o fato da convergência das duas escalas de silhuetas validadas para a população feminina adulta brasileira. Ou seja, os dois instrumentos convergem para a avaliação do mesmo constructo, que é a avaliação da insatisfação corporal. Fato importante dada a escassez de instrumentos avaliativos da imagem corporal, para a população brasileira.

Campana e Tavares (2009) atestam para o fato da importância da adaptação e validação de instrumentos internacionalmente reconhecidos, para a utilização no Brasil. E ainda, fazem projeção do crescimento do número de novos instrumentos validados para tal fim, apostando na necessidade do crescimento dos estudos de imagem corporal.

Este estudo aponta para a existência de forte relação entre os instrumentos testados, confirma a validade concorrente dos instrumentos, além de confirmar o fato de indivíduos com maiores IMC apresentarem maior insatisfação corporal. Sugerimos que outros estudos apontem para as correlações existentes entre os diferentes instrumentos avaliativos dos componentes da imagem corporal, para a população brasileira.

Referências

Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2002). Recommendations for the cross-cultural adaptation of health status measures. *American Academy of Orthopaedic Surgeons Institute for Work & Health*.

Campana, A. N. N. B., & Tavares, M. C. G. C. F. (2009). *Avaliação da imagem corporal: instrumentos e diretrizes para pesquisa*. São Paulo: Phorte.

Gardner, R. M., & Boice, R. (2004). A computer program for measuring body size distortion and body dissatisfaction. *Behaviour Research Methods, Instruments & Computers*, 36(1), 89 - 95.

Gardner, R. M., & Jappe, L. M. (2009). Development and validation of a new figural drawing scale for body-image assessment: The BIAS-BD. *Journal of Clinical Psychology*, 65(1), 113 -122.

Garner, D. M., & Garfinkel, P. E. (1981). Body image in anorexia nervosa: Measurement theory and clinical implications. *International Journal of Psychiatry and Medicine*, 11(3), 263-284.

Kakeshita, I. S., Silva, A. I. P., Zanatta, D. P., & Almeida, S. S. (2009). Construção e fidedignidade teste-reteste de escalas de silhuetas brasileiras para adultos e crianças. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 263-270.

McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. A. (2004). Body image dissatisfaction among males across the lifespan. A review of past literature. *Journal of Psychosomatic Research*, 56, 675-685.

Pickett, T. C., Lewis, R. J., & Cash, T. F. (2005). Men, muscle, and body image: comparisons of competitive bodybuilders, weight trainers, and athletically active controls. *British Journal of Sports Medicine*, 39, 217-222.

Scagliusi, F. B., Alvarenga, M., Polacow, V. O., Cordas, T. A., Queiroz, G. K. O., Coelho, D., Philippi, S. T., Lancha, A. H., Jr. (2006). Concurrent and discriminant validity of the Stunkard's figure rating scale adapted into Portuguese. *Appetite*, 47, 77-82.

Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.